

# Famílias aumentam

Cidade

Jornal de Brasília

# invasão da 109 Norte

Em condições típicas do nordestino que sai do interior de seu estado para aventurear em Brasília, vivem cerca de 500 famílias na invasão da 109/110 Norte. Morando sob frágeis barracos construídos sobre o chão vermelho, com uma mistura de madeira, papelão e plástico, sem água e sem luz, eles levam uma vida subumana. A maioria dos barracos comporta mais de uma família e grande parte delas é formada por mais de 10 pessoas.

A estimativa é que já existem mais de 300 barracos construídos na invasão e, segundo os moradores mais抗igos, é impossível saber o número exato pois as construções não páram. "Aqui os barracos são levantados de dia e de noite sem interrupção", disse o dono de um barzinho. Cerca de 50% dos moradores estão na invasão há menos de um mês e 70% vive no local desde três meses. "Lote aqui é muito caro e o pobre não tem condições de comprar", disse uma moradora.

O invasor Cosme Alves da Silva, que vive há seis anos no local, disse que a invasão está crescendo tanto de noite como durante o dia. "Só não constróem mais barracos por falta de madeira", disse ele. Mas a informação é que mais de cinco barracos são levantados durante o dia e diversas marcações no terreno mostram que está previsto o início de várias obras.

Conviver com lixo, mato, barro e mau cheiro é muito comum para os moradores. Não existe a mínima condição de higiene e nem água para tal. O próprio meio de trabalho contribui com a sujeira da área. É que eles vivem exclusivamente da cata de papel, garrafa e ferro velho. O entulho de lixo em volta dos barracos significa a única forma de trabalho para a maioria dos invasores.

A invasora Maria Alves da Silva, que está na invasão há apenas 15 dias, ainda continua sem barraco e mora com outra família. Segundo ela, o que arrecada junto com seu marido entre papel, garrafa e ferro velho, não dá para tirar mil cruzados por mês. Com seis filhos, a invasora disse que não passa fome porque recorre aos blocos vizinhos onde

costuma pedir comida.

Para a cearense Maria Vicência da Silva e Souza, a situação não é mole. Com 31 anos, ela divide um pequeno barraco de um cômodo entre o marido e os dez filhos. A mais velha tem 15 anos e a caçula tem três. Água só nas construções que estão sendo realizadas em volta da invasão e, assim mesmo, muito escassa. Ela disse que morava em Brasilinha junto com outra família e, como houve desentendimento, ficou desesperada e a única maneira foi pegar os filhos e trazer para essa invasão.

Vicência disse que há muito tempo vivia de olho nessa invasão. Sempre que passava de ônibus, vindo de Brasilinha, ela reparava esta quadra com alguns barracões. No dia que decidiu vir para a invasão, disse que saiu à noite, com seus filhos, debaixo de chuva e, no dia seguinte, construíram o barraco onde mora. No cômodo foram construídas duas beliches que acomodam as doze pessoas. Ao lado das camas está um fogão a gás e um armário de madeira onde um rádio de pilha permanecia ligado no programa "Revista Nacional".

Com um fogão de lenha fazendo fumaça do lado de fora do barracão, Alzira Silva dos Santos tentava cozinhar uma penela de feijão. No seu pequeno cômodo moram, diariamente, as dez pessoas da família, além de dois genros. Há dois meses sua família está instalada na quadra. Disse que veio de Brasilinha por não ter onde morar.

A situação dos moradores são idênticas. Grande parte da população têm 8 e 10 filhos, vivem de cata de lixo, empregos domésticos, ganham menos que o salário e não contam com escolas para os filhos. A maioria veio do Nordeste do país e estão na invasão pelo mesmo motivo: "Não temos onde morar".

Além do problema de moradia, outro obstáculo enfrentado pelos invasores é o transporte. Ganhando menos que o salário mínimo e morando nas cidades do entorno não há condições de pagar transporte. Mas já existe a suspeita de especulação. Segundo falou um morador, muita gente construindo barracão no local e vendendo.